

O TRANSCULTURAÇÃO MITOPOÉTICA NA OBRA DE RENATO RUSSO

Sylvia Helena Cyntrão (UnB)¹

A arte da palavra, seja em prosa ou em poema, incluindo as letras de canções, incorporam informações simbólicas presentes nos signos sociais, a partir dos quais o autor-pessoa se forma e se informa existencialmente. Sua escritura expõe, seja de maneira consciente ou não, o ideário mitopoético de uma história cultural que também é nossa. O presente artigo visa ler esse processo artístico e demonstrar, em letras selecionadas do compositor brasileiro Renato Russo, as perspectivas tanto geracionais quanto universais, mobilizadas pelo cancionista.

O artista promoveu um processo artístico transcultural de criação que permite identificar a corrente mitogênica integradora de elementos locais de seu contexto e do contexto espaço-temporal global, com um forte e explícito posicionamento que faz a obra remeter eventualmente à sua *persona*— em si um sistema semiológico que aqui nós vamos considerar, como um definidor explícito de sua visão de mundo. Renato era filho adotado de Brasília. Cruzava-se com ele nos lugares de praxe onde os jovens se reuniam. Seus contemporâneos (alguns amigos meus, inclusive) atestam o temperamento muito carismático, mas instável do poeta. Transformar o contexto em texto e transcendê-lo (s), os dois, era a sua mestria. Como descreve Dapieve (1996, p. 210) em seu livro *BRock, o rock brasileiro dos anos 80* sobre o compositor, ele compunha letras “universais porque eram profundamente pessoais”.

Vale lembrar que a canção popular, nesse caso o rock brasileiro, é um sistema de significações para o qual convergem e de onde partem, entre outros, os sentidos sociológicos e culturais *lato sensu* de um modo de vida urbano geracional. Pra mergulhar nesse mundo híbrido da canção, parto do conceito analítico tríade proposto por Umberto Eco (1990) quando diz que o texto, como produto, sempre é um conjunto de três intenções: a intenção do autor, a intenção do próprio texto constituído e a intenção do leitor.

¹ Doutora em Literatura brasileira. Pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Literatura da UnB e poeta. Estudiosa das relações entre as letras da canção popular brasileira e o cânone poético. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Poéticas contemporâneas (Vivoverso). <http://vivoverso.blogspot.com> e do Grupo Textualidades contemporâneas: processos de hibridação <https://textualidadescontemporaneas.blogspot.com>. Contato: ssylvia.c@gmail.com.

Sobre agregar à interpretação poético-musical a **intenção do leitor**, ela se justifica já que nós somos destinatários historicamente situados, com referenciais culturais e psicológicos que promoveram o desejo de tratar dos sentidos mobilizados por essa obra artística. Assim sendo, minha **intenção** é demonstrar que Renato Russo vivencia e representa as angústias agônicas de seu tempo, bem como aponta a fragmentação pós-moderna que elege identidades variadas e deslizantes.

No Brasil, o rock dos anos de 1980 amplificou tanto a mundialização da estética como as questões temáticas das letras da canção. As músicas dessa época eram feitas por jovens homens brancos, de classe média alta para uma elite bem-informada sobre os rumos da arte e insatisfeita com os caminhos da música no País. Sem conseguir se reconhecer -embora os valorizasse como mestres- nem em Gil nem em Caetano, ou em Chico Buarque e nem mesmo na roqueira Rita Lee, Renato defendia que a proposta de sua banda Legião Urbana era fazer um corte proposital em relação à MPB das décadas anteriores a dele, tentando expor uma voz que representasse os novos tempos políticos, em linha com o movimento *punk* internacional, que propunha outra estética, contrária à do rock progressivo, representado pelas bandas Pink Floyd, Yes, Gênesis...por exemplo, consideradas desconectadas dos problemas sociais.

Por isso não separo os signos estéticos produzidos pelo artista da sua *persona* cultural, porque, além de cantar um tempo histórico da nação, suas apresentações performáticas no palco eram a representação de uma convergência ideológica com características contestatórias e por vezes corporalmente agressivas, incorporando um modo de expressão vindo do ideário *punk*, estrangeiro, a que Renato teve acesso por meio dos discos importados que seu parceiro Dado Villa -Lobos, filho de diplomatas, levava à banda. Das características desse movimento que teve início pela música, nos Estados Unidos, na década de 1970, Renato adotou um forte caráter desafiador ao *status quo* repressivo e autoritário do regime militar vigente, no Brasil, bastando lembrar a letra de “Que país é esse”: “Nas favelas, no Senado /sujeira pra todo lado”...

Mas, o líder da Legião Urbana não se acomodaria em um só gênero. O disco *Dois*, originalmente chamado *Mitologia e Intuição*, não à toa, deu uma virada expansiva apresentando também o melhor do pop rock, com boa parte das canções conduzida pelo violão acústico, destacando-se mais ainda a poesia de Renato. Não havia mais a agressividade *punk* do primeiro álbum. É desse disco a épica “Eduardo e Mônica”, por exemplo, mostrando a incorporação de outras referências locais e mundiais, ou “Tempo Perdido”, que lembrava: “Sempre em frente./ Não temos tempo a perder / somos tão jovens”.

Renato Russo foi porta-voz de um tempo plural e adotou uma atitude **antropofágica** a la Oswald de Andrade, ou, para atualizar o conceito, um posicionamento **transcultural**. Segundo o articulista Alexandre Matias na revista *Rolling Stones*, no texto publicado em 22/06/2022, a banda “ampliando tanto o espectro musical quanto seu alcance popular [deu] o passo definitivo para tornar-se a maior banda de sua geração.”

Como contemporânea do compositor, utilizo alguns dados biográficos e testemunhais que permitem verificar possíveis discrepâncias e/ou convergências entre o que presenciei da atuação vivencial do autor e o que suas letras nos dizem. Permito-me aqui, então, um pequeno relato de fatos que produziram extremo impacto na direção posterior de minhas pesquisas acadêmicas (estamos falando da década de 1980). Parte do relato que segue pode ser encontrado na página 99 do livro *Renato, O Russo*, de Julliany Mucury, da Editora Garota FM, publicado em 2021.

Bom ...o relato começa assim:

Eu vi Renato Russo naquele 18 de junho de 1988, em Brasília. Convidada por um amigo entusiasmado, e enlevados pela presença carismática do cantor- compositor, não entendemos direito quando percebemos a triste confusão no palco do Estádio Mané Garrincha. Estávamos na arquibancada. Lembro-me de Renato tentando se justificar, brigando, depois tentando cantar, do palco se encher de garrafas, da banda se retirando e do meu amigo me puxando pela mão dizendo, é melhor correr. Do lado de fora do estádio ainda vimos a cavalaria entrar pelos portões de saída... Já longe da confusão, ainda sob o impacto do inesperado, tentávamos explicar o -naquele momento- inexplicável.

No dia seguinte ouviam-se notícias desencontradas da imprensa sobre o caos envolvendo um público de 50 mil pessoas. Quanto a mim, entrei inflamada em minha sala de aula de adolescentes a defender o quase indefensável, ainda mobilizada pela figura carismática que havia ouvido na noite anterior, e lembrando aos alunos uma das canções de maior sucesso de Renato que me fez refletir sobre o sentido do comportamento do público e sobre o desastre daquela noite [a canção é “Será”].

Essa é a parte que está no belo livro em que Julliany analisa toda a obra do autor, mas, em outro artigo estendi fazendo referência à canção “Será”, o que vou fazer também aqui, para demonstrar a que sentidos o sistema estetizado em letra e melodia remete.

Ressalto que uma interpretação clássica dos objetos estéticos independe de termos os dados da biografia do autor, mas, o que Umberto Eco ensina é que uma interpretação pode ser enriquecida se à **intenção do texto**, ou seja, o que ele diz “*per si*” como sistema semiológico, em toda a sua potência, forem agregadas as intenções sabidas a partir de entrevistas, por exemplo, e mesmo pela convivência próxima de quem o produziu.

Vamos então à letra de “Será”, que diz: “Será só imaginação? /Será que nada vai acontecer? /Será que é tudo isso em vão? /Será que vamos conseguir vencer? / Nos perderemos

entre monstros/da nossa própria criação...” e, incrivelmente profética, termina com os versos “Brigar p’ra quê”? /Se é sem querer/Quem é que vai /Nos proteger? /Será que vamos ter/Que responder /Pelos erros a mais Eu e você? ²

“Será” nos permite logo no primeiro verso observar um eu-lírico que fala em 1º pessoa e manifesta ao “outro” condições que acredita ser de uma relação baseada na liberdade e na compreensão: “tire suas mãos de mim/ eu não pertenço a você/ não é me dominando assim/ que você vai me entender”. Mesmo que o outro duvide de suas conclusões, posiciona-se: “Acho que isso não é o amor”.

Reflexões como essa circulavam pelo mundo no imaginário jovem da época. É em tom questionador que inicia a segunda estrofe na angústia de quem procura uma resposta sem ter certeza de que possa encontrá-la: “Será só imaginação?/ Será que nada vai acontecer?/ Será tudo isso em vão?” .

O eu-lírico sai de uma posição individual - até então falava apenas de si: “Tire suas mãos de **mim/ Eu** não pertenço a você/ Não é **me** dominando assim/ que você vai **me** entender?” e passa a incluir o outro no conflito: “Será que **vamos** conseguir vencer?/ Nos **perderemos** entre monstros/ da **nossa** própria criação[...] **Ficaremos** acordados/ imaginando alguma solução/ p’rá que esse **nosso** egoísmo/ não destrua **nosso** coração”. Na última estrofe deixa claro a presença de conflitos: “Será que vamos ter/ que responder/ pelos **erros a mais** eu e você?” . Vemos que o “eu” e o “você” são evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas. E aí está o salto: Renato, autor que dá voz ao eu-lírico, parte do registro de seu incômodo e expande para uma reflexão sobre posições existenciais de um sujeito centrado no egoísmo, mas que sinaliza um alerta para a necessidade de mudança.

Pois bem, voltando ao meu relato testemunhal, 25 anos depois daquele 1988, posso dizer com mais segurança que foi uma mistura de mensagens ambíguas, muito própria do contexto e da subjetividade de um Renato Russo existencialmente angustiado, que desestabilizou naquela e em outras noites a comunicação da mensagem da banda Legião Urbana com seu público.

Ativo até 1990 como porta voz das contradições de um momento histórico de recomposição, depois de duas décadas de ditadura, nesse ano Renato Russo declarou ser portador do vírus HIV e, como muitos companheiros seus, nossos, atravessou um martírio

² Do LP *Legião Urbana*, lançado em janeiro de 1985, às vésperas do Rock in Rio. A primeira faixa a estourar nas mídias foi esta a que nos referimos no texto, “Será”.

público, motivado pelo preconceito, pela insipiência de medicamentos e pelo isolamento, até sua morte, em 11 de outubro de 1996, aos 36 anos. Dona Maria do Carmo, mãe de Renato, perguntada pela repórter Daniela Name se acreditava que seu filho tinha sido feliz, respondeu: “é duro dizer isso, mas tenho certeza que não” (RMJr, p.213).

Tive a satisfação de ter conhecido D. Maria do Carmo pessoalmente, bem como sua irmã Carminha. Ouvi de ambas, expressando-se de forma sóbria e delicada, o orgulho que sentiam e a gratidão por mantermos viva a memória do filho e irmão. Falavam da pessoa, não do artista -e isso foi pungente. Na ocasião, pude mencionar minha admiração pela força criativa demonstrada no seu último ano de vida, presente nas canções do disco *Tempestade*, lançado um mês antes dele morrer. Mesmo dominado pela fraqueza da doença, sua disposição anímica deixava entrever o sentimento de esperança. Citei alguns versos da canção “Via Lactéa”, cuja letra dramática, mas não pessimista, deixa uma clarividente mensagem final:

(...) Quando tudo está perdido

Sempre existe uma luz

Quando tudo está perdido

Sempre existe um caminho

Versos como esses nos remetem a outra expressão de ânimo, “Forza sempre!”, (apropriada pelo artista do personagem Z, do diretor Costa-Gavras) que Renato gostava de usar ao se despedir dos amigos e que eu gosto muito de relembrar, em seu aspecto existencial gregário e positivo.

Não, não é só *imaginação*... Resistência na delicadeza é o que define a obra desse artista. Podemos com certeza dizer, portanto, a partir dos versos contundentes de suas canções, agregadas às melodias e arranjos e às performances transpostas assimiladas de diversos gêneros artísticos, que o mergulho no contraditório plural de sua geração foi o móvel de criação para Renato Russo, até onde ele conseguiu, como corpo físico, sustentar.

O que foi ainda é, tão potente como inspirador. “Força, sempre!”

Referências bibliográficas

CYNTRAO, Sylvia Helena. **Como ler o texto poético: caminhos contemporâneos**. Brasília: Editora Plano, 2004.

DAPIEVE, Arthur. **BRock, o rock brasileiro dos anos 80**. São Paulo: Editora 84, 1996.

ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 1998.

RENATO RUSSO MANFREDINI JR. (RMJR) Brasília: Centro Cultural Banco do Brasil, 2004.

Álbuns de estúdio

(1985) Legião Urbana

(1986) Dois

(1987) Que País é Este

(1989) As Quatro Estações

(1991) V

(1993) O Descobrimento do Brasil

(1996) A Tempestade

(1997) Uma Outra Estação